

ARTIGO:

Recebido em:

20/07/2017

Aprovado em:

28/10/2017

**O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM À LUZ DOS
PRECEITOS DA GEOGRAFIA HUMANISTA – SABERES
DOS PROFESSORES: *um estudo em Formosa-GO***

Rodrigo Capelle Suess

Prof. da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Mestre em Geografia na Universidade de Brasília. Faz parte do Grupo de Pesquisa Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Geografia (UnB). <rodrigo.capellesuess@gmail.com>.

Cristina Maria Costa Leite

Geógrafa, Dra. em Educação. Profa. da Universidade de Brasília, com atuação na Graduação em Pedagogia e na Pós-Graduação em Geografia, onde atua na formação de professores na área de Geografia. <criscostaleite@gmail.com>.

Resumo

O conhecimento geográfico escolar diferencia-se do conhecimento geográfico científico por condições de produção, organização e finalidade, portanto, possui um caminho próprio. Tanto na sistematização de conteúdos, habilidades e competências, como no modo de ensinar e aprender seus conteúdos, diversos horizontes do pensamento geográfico influenciam o ensino da Geografia Escolar. Uma delas, a Geografia Humanista, horizonte que decorre, principalmente, da fenomenologia, destaca-se pela ênfase dada aos sentidos humanos e seu universo vivido, o que pode contribuir para o liame de conhecimentos geográficos a gênese de uma atitude humanista. Nesse contexto, o objetivo geral dessa pesquisa é conhecer e analisar quais são os conhecimentos dos professores a respeito da Geografia Humanista no município de Formosa-GO. Para isso, foram selecionados um professor da área urbana e uma professora da área rural. A problemática que orientou esta investigação diz respeito à identificação dos conhecimentos que os professores têm a respeito da Geografia Humanista. A metodologia utilizada foi de base qualitativa, a partir de entrevistas não estruturadas guiadas realizadas com os professores de Geografia. Os resultados obtidos revelaram que esses profissionais apresentam uma lacuna, no que se refere à teorização sobre a Geografia Humanista, decorrente de uma formação acadêmica inicial e continuada insuficientes e, também, pela ausência de interesse. Esses e outros resultados evidenciam a necessidade de uma formação em Geografia, que considere e valorize a Geografia Humanista, inclusive pelo seu potencial relativo às questões de ensino/aprendizagem, como fundamento metodológico para a significação dos conteúdos em geografia, de um lado, e construção do conhecimento geográfico, de outro.

Palavras-chave: Geografia Escolar, Geografia Humanista, Ensino-aprendizagem, Formação de professores.



Pesquisar - Florianópolis,
Santa Catarina, Brasil,
ISSN 2359-1870
v. 1, n. 2, nov. 2017.
Universidade Federal de
Santa Catarina. Todos os
direitos reservados.

Introdução

A Geografia é uma importante forma de conhecimento a respeito do espaço e, nesse contexto, de nós, dos outros e do mundo em que vivemos. Como disciplina escolar desempenha fundamental papel na formação de cidadãos conscientes, reflexivos, críticos e informados do seu mundo, seus condicionantes e possibilidades. Contudo, essa disciplina escolar nem sempre esteve voltada à emancipação de seus sujeitos, pois foi também utilizada para inculcar ideologias das classes dirigentes e interesses hegemônicos. Embora não seja o único caso, é marcante no contexto brasileiro a ideologia imposta pela junta Militar que controlou o país no período entre 1964 a 1985 (GÁUDIO e BRAGA, 2007).

Tal situação, que caracterizou a Geografia Escolar brasileira, inclusive num passado recente, enquadra-se no contexto de transição de paradigmas científicos, que marcaram a passagem do século XX para o XXI (MOREIRA, 2014). Desse modo, algumas ocorrências, entre as quais se destacam aquelas relativas à Educação, em geral, e à educação em Geografia, em particular, continuam acontecendo e contribuem para o desenvolvimento de um modo diferente de se fazer e ver a ciência. Consequentemente, desencadeiam em um leque de opções, que se referem ao modo de ensinar, ao que ensinar e como ensinar.

Assim, o contexto contemporâneo caracteriza-se por uma multiplicidade de tendências filosóficas que atribuem ao homem, à sociedade e à natureza um novo olhar sobre o mundo, sobre a ciência e sobre o próprio homem. Em âmbito científico, aquilo que era visto com contornos claros, limitados e precisos, abriu a possibilidade de incorporação de variáveis relativas aos aspectos do inconsciente, do imaginário e das emoções, em fluxos que quebraram a rigidez, permitiram a flexibilidade e a singularidade do ser. Tais questões, antes inconcebíveis, na atualidade se enquadram ao lado de áreas de prestígio, como por exemplo, a bioengenharia, pensamento quântico e ciberespaço (GOMES, 2012; MOREIRA, 2014). Sem pretender enveredar por essas questões, o que se pretende é, tão somente, destacar que as pesquisas que consideram outras possibilidades, além daquelas postas pelos pressupostos científicos dos séculos passados, na contemporaneidade não parecem ser antagônicos, na medida em que são reconhecidos por considerarem múltiplas e diversas facetas do imenso mar do conhecimento.

Nesse contexto, então, a escola responsável por (re)construir, com as novas e futuras gerações, uma síntese do conhecimento produzido e sistematizado pela sociedade, parece, ainda, estar um passo atrás das renovações no modo de pensar, empreendidas pela academia e outros setores. Não por falta de excelentes pesquisadores e professores nas áreas de Educação e Geografia, mas a renovação e a incorporação de novas tendências na escola, em termos práticos, sofrem várias resistências (LIBÂNEO, 1992, 1994).

No que se refere à Geografia Escolar pode-se afirmar que a fenomenologia, assim como o materialismo histórico dialético, contribuiu para uma nova forma de pensar o ensino, a aprendizagem e a relação entre ambas, não somente em nível acadêmico, como também em âmbito escolar. Trata-se de um tipo de humanismo e como tal influencia no modo de pensar, mas também em uma atitude ética e estética. De modo geral, o humanismo objetiva valorizar o sujeito humano e toda sua amálgama de possibilidades. O humanismo relacionado à espacialidade está mais relacionado em Geografia com a Geografia Humanista.

Como se vê no *The Dictionary of Human Geography*, Geografia Humanista é "an approach that seeks to put humans at the centre of geography"¹ (GREGORY, 2009, p. 356). Como discorrem Bailly e Scariati (2001, p. 216):

(...) la valeur la plus profonde de la géographie humaniste provient de sa manière d'aborder la question fondamentale, 'qu'est-ce que l'homme?' En y incorporant une

¹ "Uma abordagem que procura colocar os seres humanos no centro da geografia" (GREGORY, 2009, p. 356, tradução nossa).

connotation géographique. Son approche, plus apparentée à celle de l'artiste que du scientifique².

Assim, a pessoa humana se constitui no centro das atenções dessa perspectiva. Em termos espaciais, ela visa desvendar a espacialidade que resguarda as intenções, propósitos, significados e valores do ser humano.

Essa perspectiva, em nível escolar, pode ser empregada para melhoria do processo de ensino-aprendizagem, pois imputa à reflexão e ação sobre o ensinar/aprender, o que ensinar/aprender, o como ensinar/aprender, pautada na subjetividade dos sujeitos envolvidos na relação de ensino/aprendizagem, num determinado lugar e momento de mundo. Por isso possibilita um ensino de Geografia que oriente à cidadania e a compreensão do mundo vivido.

Diante do exposto, esta investigação teve como recorte espacial o município de Formosa-GO. Essa escolha é decorrente de ser próximo ao autor, por ser seu lugar de vivência e formação e também por ter sido pouco explorado em termos de pesquisas científicas. Desse modo, espera-se que os resultados possam contribuir para a reflexão referente ao processo de ensino-aprendizagem na localidade e, conseqüentemente, em sua melhoria, mas também em outros locais onde a problemática se faz presente.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é conhecer e analisar quais são os conhecimentos dos professores a respeito da Geografia Humanista no município de Formosa-GO. Tendo como base o objetivo geral, a problemática que orienta essa investigação diz respeito aos conhecimentos que os professores têm a respeito da Geografia Humanista.

A implementação desta pesquisa imputou à opção pela metodologia qualitativa, a partir das orientações decorrentes do método fenomenológico, que foi escolhido por estar mais próximo do conteúdo teórico em pauta e, também, por se referir a um modo de pesquisa aberto e flexível. Em consequência, os procedimentos metodológicos estão em consonância com os preceitos das orientações teórico-metodológicas da fenomenologia, mediante utilização das seguintes ferramentas para construção das informações empíricas: entrevista não estruturada guiada, com professores de Geografia de uma escola em área urbana e outra em área rural.

O ensino de Geografia aos olhos da Geografia Humanista com foco em Formosa começa a ser explorado agora, com destaque a "Narrativas de vidas", no qual explora particularidades dos sujeitos da pesquisa; "Conhecimentos teóricos-metodológicos dos professores pesquisados" a respeito da epistemologia da Geografia e Geografia humanista. Sendo assim, convidamos a todos a adentrar mais intimamente em nosso trabalho!

Em busca da geografia humanista no processo de ensinar/aprender geografia em Formosa-GO

Em uma pesquisa com viés humanista, a valorização do sujeito é essencial. Nesse viés buscamos antes de adentrar a questões mais específicas dessa investigação, conhecer um pouco sobre a trajetória, afazeres, gostos, concepções dos docentes e discentes participantes. Nessa parte da pesquisa procuramos desbravar alguns propósitos, entre eles identificar e analisar quais são os conhecimentos dos professores a respeito da Geografia Humanista. Para isso, foram abordados, inicialmente, aspectos gerais da Geografia que, enquanto pesquisador, considere importante como campo de descoberta, no qual o professor, por espontânea vontade, poderia mencionar a Geografia Humanista. Cumprida essa etapa, abordamos especificamente sobre o tema Geografia Humanista, no intuito de conduzi-los à considerações a respeito das questões colocadas. Desse modo, conforme enunciado anteriormente, esses esforços foram organizados

² "O valor mais profundo da geografia humanística vem de sua abordagem à questão fundamental: 'Que é o homem?' incorporando uma conotação geográfica. Sua abordagem, mais parecida com a do artista do que com o cientista" (BAILLY; SCARIATI, 2001, p. 216) [tradução nossa].

nos seguintes eixos: horizontes do pensamento geográfico; identificação teórico-metodológica e pedagógica; conceitos geográficos e Geografia Humanista. Sendo assim, cabe explorar essas questões a seguir.

Narrativas de vidas

Antes de analisarmos outras questões, consideramos importante conhecer um pouco sobre os sujeitos da pesquisa, sua história e enredo de vida com intuito de apreciar não apenas esses professores e alunos, mas as pessoas que existem atrás dessa hierarquia no espaço escolar. O quadro 1 organiza de modo sintético a trajetória de vida dos professores entrevistados.

Quadro 1 - Trajetória de vida dos professores entrevistados

Professor do Meio Rural – PMU	Professora do Meio Rural - PMR
<ul style="list-style-type: none"> - Nasceu em Formoso-MG. Mora em Formosa há aproximadamente 12 anos. - Sua mãe é professora e atuou por um bom tempo em escolas do meio rural. Seu pai trabalhou por muito tempo como caseiro. - Morou até os dez anos como os pais em fazenda, posteriormente preferiu morar com parentes e com os padrões de seus pais para estudar na cidade. - Quando morava no campo devido a falta de opção de escola do/no campo pegava ônibus para estudar na cidade. - Quando terminou o Ensino Médio se mudou para cidade. - Aos 17 anos fez seu primeiro vestibular para matemática. Fez um ano de curso e não se identificou. Ingressou posteriormente no curso de Geografia pela mesma universidade, onde se formou. - Seu primeiro trabalho foi em um mercado da cidade. - Quando ingressou no curso começou a dar aula em escolas particulares de Formosa e Planaltina-GO. - Lembra que foram tempos difíceis, especialmente por enfrentar diariamente o transporte público. - Seu sonho era fazer Direito. Devido as condições socioeconômicas e a indisponibilidade de outros cursos, que não sejam licenciaturas, na época optou por Geografia. - Atualmente está feliz com o curso que fez e não pretende ingressar em outro. Vislumbra se aperfeiçoar na área de atuação. - Passou no concurso para professor de Geografia em 2011. Passou um tempo dando aula concomitantemente na rede particular. Posteriormente, devido ao desgaste imposto pela jornada, ficou apenas no município. - Trabalhou também por um período no contrato temporário da Secretaria de Educação do Distrito Federal, no noturno. - De 2014 a 2015 foi professor substituto no Instituto Federal de Goiás (IFG) - Campus Formosa. Profissionalmente almeja ingressar em algum Instituto Federal no qual tem tentado diversos concursos pelo país. 	<ul style="list-style-type: none"> - Nasceu em Formosa-GO. Aos 6 anos se mudou para Iaciara-GO onde ficou até seus 14 anos. - Sonhava em fazer odontologia, não realizou por falta de oportunidade e por condições socioeconômicas. - Retornou para Formosa para concluir o Ensino Médio e morou com parentes. - Em 1995 com um ano de magistério iniciou sua atuação no âmbito da educação como monitora e ficou por três anos. - Em 1998 após terminar o magistério ingressou no curso de pedagogia em Valparaíso-GO, mas não se identificou e logo abandonou o curso. - Casou-se com o seu primeiro namorado aos 18 anos. Teve sua primeira filha aos 19 anos e ficou 15 anos casada. - Atualmente está solteira e reside com suas filhas (16 e 9 anos) - Trabalhou de contrato em duas escolas do Estado - Trabalhou concomitantemente em escola particular. - Passou no concurso para magistério no município em 2002, ano que se formou em Geografia. Posteriormente passou especificamente para ser professora de Geografia. - Trabalhou em diversas escolas localizadas na cidade e atualmente está em uma escola do meio rural. São ao todo 14 anos na Secretaria Municipal de Educação. - Passou para o concurso de professor de Geografia no estado onde está há 10 anos. Atualmente atua em um colégio de Ensino Médio no período noturno. - Ministra aulas nos três períodos (matutino, vespertino e noturno) e possui pouco tempo livre durante a semana. - Trabalhou no ensino superior ministrando aulas de Normas Técnicas na Universidade Estadual de Goiás. - Alega que foi criada em um modelo tradicional e católico e acaba não se libertando muito desse modelo. "esposa só podia sair se fosse acompanhada pelo marido".

	<p>- Alega que sempre foi muito tímida em sua vida pessoal. Quando ingressou no curso de Direito estava mais sociável e madura do que quando entrou no de Geografia.</p> <p>- Afirma que ama a sua profissão, mas que almeja atuar na área do direito. Fez pós-graduação em 2003 em Gestão Ambiental na UEG.</p>
--	--

Fonte: Informações empíricas da pesquisa (2016). Elaboração: Rodrigo Suess (2016).

De modo geral, pode-se aferir que ambos os professores nasceram em famílias simples, residiram e residem em cidades pequenas e médias. Os dois igualmente, já muito cedo, tiveram que sair da companhia dos seus pais para estudar em outros lugares. Tiveram que enfrentar pesada jornada de trabalho e estudo até se formarem.

Tinham sonhos em exercer outras profissões, contudo, por falta de oportunidades e de condições econômicas acabaram na licenciatura. Nota-se que essa questão ainda é uma realidade no contexto brasileiro, muitas pessoas optam pelas licenciaturas por serem cursos de concorrência menor em instituições públicas, ou por serem cursos mais baratos em instituições privadas (ARANHA e SOUZA, 2013). Disso resulta em uma massa de professores formados, que não se identificam com o seu curso de formação e, pela falta de outras opções, acabam em sala de aula, sem habilidades e competência para tal.

O primeiro curso escolhido pelos professores não foi a Geografia, contudo, por não se identificarem com os cursos de Matemática e Pedagogia resolveram migrar de área. Além da pesada rotina citada, a PMR por ser mulher, ainda teve que conciliar trabalho e estudo com atividades domésticas e dedicação à família.

Depreende-se que suas trajetórias de vidas são marcadas por experiências em escolas e instituições de ensino da rede municipal, estadual, distrital e federal, ensino básico e superior, pública e privada, do município de Formosa e da região metropolitana de Brasília. Em certos momentos enfrentaram e enfrentam jornadas de trabalho de 60 horas semanais. Conseguiram relativa ascensão social, por meio da profissão, e acesso na carreira efetiva de professor da rede pública. Atualmente, alegam gostar da profissão mais possuem planos diferentes, o PMU almeja ingressar efetivamente no ensino superior e a PMR deseja seguir outra profissão, ou seja, nenhum dos dois quer permanecer em sala de aula na educação básica. O que nos leva a realizar o seguinte questionamento: como pensar em melhorar a qualidade de ensino com professores que querem abandonar a profissão e só pretendem permanecer nela até conseguir outra ocupação?

Quando perguntado sobre o local em que moram, ambos os professores atribuíram uma significação muito especial a Formosa. Têm um sentido de gratidão para com esse município. O PMU explana que:

Foi aqui que de certa forma eu dei um tranco na minha vida, então eu considero Formosa de todas as cidades que eu já morei, [...] foi a que me ofereceu as condições que eu tenho hoje, uma cidade muito importante para meu início de crescimento. O que representa Formosa pra mim é isso, a ideia é que aqui que eu construí meu vínculo, família e tudo mais (PMU, 2016).

A PMR afirma gostar de Formosa por ser um local pacato, com uma qualidade de vida razoável, custo de vida barato em relação a Brasília. "eu gosto muito da cidade, a cidade é pacata, a qualidade de vida daqui não é tão ruim, o custo de vida daqui é barato né, se comparado, por exemplo, a Brasília" (PMR, 2016). Revela que só sai da cidade para outra maior se passar em um concurso muito bom. O conhecimento e significados que o professor possui a

respeito do município, se utilizados corretamente, contribuem para o desenvolvimento de uma Geografia Humanista.

Caso fossemos definir a escola de acordo com proposições “no/do” em Educação no/do Campo, formuladas por Souza e Fernandes (2009), certamente a escola do Meio Rural, que referenciamos nesta pesquisa, seria qualificada como uma escola no campo, uma vez que, apenas, se localiza nesse espaço. Assim, a qualificação "do campo" não cabe à instituição pesquisada, visto que não possui uma educação diferenciada, que atenda aos interesses exclusivos da cultura dos sujeitos do campo. O fato de ser uma escola agrícola não a torna uma escola do campo, pois a qualificação "do campo" envolve todos os aspectos da vida agrária e não se reduz apenas a práticas agrícolas comerciais e embora os alunos a busquem com objetivo de seguir carreira no setor agrícola, interessante observar que não almeja residir no meio rural.

Em termos gerais, as narrativas de vidas dos sujeitos pesquisados nesse trabalho demonstram uma diversidade de trajetórias, que foram consideradas nesta pesquisa para problematizar a efetivação do processo de ensino-aprendizagem nessas escolas. Observa-se que as escolas públicas em pauta são localizadas em espaços diferentes do município de Formosa, contudo seu público é muito parecido pois, de modo geral, as territorialidades não definem particularidades aos professores e alunos dos meios urbano e rural. Nesse sentido, constatou-se que o modelo seguido parece ser o do meio urbano, inclusive no que se refere aos alunos da escola do meio rural, que são, majoritariamente, das provenientes da cidade.

Conhecimentos teórico-metodológicos dos professores pesquisados

A geografia Humanista envolve uma atitude e igualmente uma concepção filosófica que exige um processo de conhecimento de seus pressupostos. Nesse sentido, o que o professor conhece de concepções epistemológicas, metodológicas e pedagógicas diz muito sobre o que ele conhece sobre os caminhos filosóficos da Geografia Humanista. Sendo assim, investigamos o que o docente sabe sobre os horizontes do pensamento geográfico, bem como sua identificação teórico-metodológico e pedagógica, o seu conhecimento a respeito dos conceitos geográficos, o que ele reconhece como Geografia Humanista.

Horizontes do pensamento geográfico

O PMU ao falar de horizontes do pensamento geográfico identifica a Geografia Crítica e a Geografia humanista. A PMR apenas essa primeira. Para o PMU a "corrente crítica" é aquela que contesta o que está sendo posto e a que melhor faz entender a sociedade e sua organização social. De tal modo, seria necessário compreendê-la para agir de forma eficaz contra o sistema. Deve-se lembrar, análises críticas não significam ser contra a tudo, considerar essa questão como uma verdade absoluta contribui para a generalização e banalização de uma perspectiva de transformação do sistema defendido pela perspectiva crítica.

A PMR afirma que a Geografia Crítica influencia no momento em que busca não trabalhar o conteúdo de modo isolado, mas sim considerar a origem e o processo de desenvolvimento. Afirma que a Geografia Crítica é mais moderna que as demais e defende as seguintes ideias a respeito desse horizonte:

- Não aceitar as coisas como prontas;
- Analisar o contexto para chegar a uma conclusão e a partir da conclusão elaborar perguntas;
- Propõem uma análise histórica e moderna permitindo obter uma opinião mais analítica;
- Visita o clássico até o pensamento atual, acompanha uma evolução;
- "Ciência crítica mesmo, dos conteúdos, crítica no sentido de contexto" (PMR, 2016);
- "Enxergar o mundo com uns olhos assim dentro de uma analogia" (PMR, 2016);

Nota-se que ambos os professores demonstraram desconforto ao falar sobre os horizontes em Geografia. O Horizonte mais descrito foi o Horizonte Crítico ou Marxista, o que evidencia a ênfase dada a esse horizonte em suas formações e a própria orientação dos professores de sua graduação. Contudo, ao descreverem o Horizonte Crítico apresentaram uma lacuna em suas formações, a respeito dessa perspectiva: são atribuídas características que não são exclusivas desse horizonte; confunde-se o ser crítico-reflexivo com ser um Geógrafo Crítico ou Marxista. Algumas falas se assemelham a clichês como "ir contra o sistema", "não aceitar as coisas como prontas". Desse modo, demonstram superficialidade de conteúdo a respeito desse horizonte. Algumas descrições também não são claras e, por isso, remetem a falta de conhecimento a respeito do tema.

Indagados sobre os atores que mais representariam a Geografia Crítica o PMU citou Milton Santos, Yves Lacoste e Ruy Moreira, já a PMR lembrou Vesentini, João Carlos Moreira, Eustáquio de Sene e Vânia Vlach, todos autores de livros didáticos, o que reforça a importância desse material como fonte de informação nas escolas.

Conforme mencionado, apenas o PMU se lembrou da Geografia Humanista. Seu entendimento sobre isso, conforme especificado no quadro 2 é "a humanista é mais focada na questão de ordenamento humano, ou seja, de que o ser humano ele pode sim conseguir dentro do processo espacial analisar o espaço a partir das características humanas, não físicas, mas humanas". Contudo, ao continuar a descrever esse horizonte não apresentou um pensamento claro: desassocia pensamento crítico de Geografia Humanista, pois pauta-se pelas "relações humanas, não pelo aspecto crítico, então em si ela já é trabalhada pelo próprio processo de didática". Esse pensamento demonstra um desconhecimento a respeito da Geografia Humanista e confirma um tabu na Geografia, que postula que ser crítico é apenas uma qualidade da Geografia Crítica.

A PMR constata que houve uma falha em sua formação a respeito dos aspectos relacionados a epistemologia da Geografia. "Assim, basicamente, a gente quase não estudou isso na faculdade, eu lembro que na faculdade eu só tive uma disciplina que trabalhava" (PMR, 2016). Revelou, ainda que a temática "nem era tão explorada pelo professor universitário, ele distribuía uns textos e a gente tinha que dar nossa opinião sobre o texto, basicamente era isso. Eu vejo que foi deficitário". As declarações do PMU demonstram que a temática foi negligenciada. "Na faculdade, pra te falar a verdade em relação às correntes dos pensamentos geográficos, foram trabalhadas as correntes mais básicas, básicas mesmo (PMU, 2016)". Assim, justifica que o desconhecimento a respeito dos temas tratados é decorrente de sua formação, da falta de conteúdos adequados nesse processo e da falta de afinidade com o tema.

Essa fala da PMR evidencia o quanto a Geografia Humanista é desconsiderada nos cursos de Geografia, mas não se sabe exatamente o motivo dessa negligência. Mas o contexto histórico e a minha experiência de vida permitem levantar algumas possíveis causas: Desenvolvimento tardio dos pressupostos da Geografia Humanista; Domínio da Geografia Crítica na Geografia brasileira; Preconceito contra outros horizontes; Ausência ou descrições errôneas desse horizonte em livros de epistemologia; Disponibilidade de poucas fontes de informações; Formação inadequada dos professores universitários e entre outros motivos.

Identificação teórico-metodológica

Tanto o PMU quanto a PMR afirmam que se identificam mais com a Geografia Crítica. O PMU explica que, na época de sua graduação, a maioria dos professores se identificava com esse horizonte. E, nesse sentido, "então eu acho que a gente tende a reproduzir todo esse processo, mas é obvio conhecendo a corrente humanista ela também tem elementos que podem contribuir" (PMU, 2016).

O PMU vê que no processo de ensino-aprendizagem é mais fácil trabalhar com a Geografia Crítica, pois vai contra o sistema posto, "então obviamente você vai tratar de temas que estão relacionados ao desenvolvimento do aluno. [...] A crítica eu acho que ela é muito mais atuante, muito mais, digamos que eficaz nesse sentido" (PMU, 2016). Assim, reafirma que pensamento crítico é o que mais interfere na prática do professor, que ele permite levar os alunos a identificar os elementos críticos dos conteúdos. Esse pensamento, mais uma vez, demonstra a falta de conhecimento a respeito da Geografia Humanista: por não conhecer, esse professor julga, intuitivamente, que a Geografia Crítica seria mais adequada ao ensino. Nessa linha de raciocínio, argumenta que esse horizonte interfere em sua prática de ensino, quando procura analisar, à fundo, os fatos, sem considerá-los como dados. "O conteúdo precisa ser mostrado, de certa forma, pelo elemento crítico" (PMU, 2016). Contudo, pelo que se evidenciou, esse elemento crítico a que se refere o professor, mais se aproxima de uma perspectiva crítico-reflexiva³ do que marxista em Geografia. Sendo assim, a principal constatação dessa seção é que os professores alegam se identificar com a Geografia Crítica, mesmo porque desconhecem as demais.

Conceitos geográficos

Compreender os conceitos básicos da ciência geográfica é fundamental, notadamente aos professores que atuarão na Educação Básica, pois esses têm a responsabilidade de promover os processos de mediação didática e, nesse contexto, a análise e adequação dos conteúdos, em relação aos objetivos e aprendizagem (CAVALCANTI, 2012). Qualquer aplicação prática no ensino de Geografia Assim, nesta pesquisa buscou-se identificar se o professor conhece alguns conceitos estruturantes do pensamento geográfico escolar e, também, se os trabalha e como. Nesse sentido, o quadro 2, apresenta a posição dos professores a esse respeito.

O PMU defende que a compreensão desses conceitos é importante, contudo conforme evidenciado no quadro 2, não apresenta clareza em suas definições, provavelmente por falta de conhecimento teórico, o que o conduz a realizar interpretações equivocadas e errôneas. Embora eventualmente suas considerações façam algum sentido e remetam a um atributo de algum conceito, nota-se que não existe ordenamento lógico e clareza suficientes para se evidenciar domínio teórico-conceitual a respeito do tema por parte desse professor, quando se avalia o conjunto de suas ideias.

Os principais autores utilizados de referência pelo PMU são Milton Santos, Jurandir Ross e Willian Vesentini, esse seu preferido. Embora integrem o contingente dos pensadores importantes na área de Geografia, não se pode afirmar que consigam abordar todos os conceitos geográficos, principalmente aqueles que têm relação direta com a construção do pensamento geográfico escolar. Por isso, seria importante que fossem elencados outros nomes, e nesse contexto, o daqueles que atuam no âmbito da Geografia escolar.

O lugar, importante conceito geográfico, apontado nessa pesquisa como um elo entre ensino de Geografia e Geografia Humanista, foi citado pelo PMU como um dos mais apropriados ao ensino, menção que sugere conhecimento desse debate, como atestam suas palavras: "Você parte dessa menor unidade pra você compreender todas as demais relações" (PMU, 2016). Nesse aspecto esse docente comete um equívoco clássico, o de limitar o lugar

³ Em educação está perspectiva refere-se a uma concepção de reflexividade docente que se liga à práxis transformadora (PIMENTA, 2006). "O docente, ao lidar com as situações problemáticas de sua prática, deve procurar interpretá-las, envolvendo-se conscientemente com o contexto de sua experiência, considerado como o orientador das suas ações através de um processo reflexivo criador; este se apresenta, então, como marca das decisões que o professor toma no exercício profissional" (FEITOSA e BODIÃO 2015, p. 193). Nesse aspecto, uma tendência crítico-reflexiva está envolvida no processo de desenvolvimento de pessoas autônomas que consigam analisar o seu contexto histórico, social e cultural afim de transformá-lo.

com uma escala menor, a escala local (TUAN, 2013). Essa compreensão de lugar é restritiva e não permite que o professor explore suas outras dimensões, o lugar é um instrumento que ajuda explicar o mundo e a si mesmo (TUAN, 1971), sendo assim não se pode restringi-lo a uma microescala.

Quadro 2 - Conhecimento dos professores a respeito dos conceitos da Geografia

CONCEITO	PMU	PMR
Espaço Geográfico	"O espaço de vivência pessoal"; "espaço das informações, das modificações"; "Engloba tanto as paisagens, como os lugares, os territórios".	Não foi mencionado e/ou explicado
Lugar	"Menor escala das categorias da geografia"; "Primeiro contato do ser humano com os elementos geográficos surgem a partir do lugar".	Não foi mencionado e/ou explicado
Território	"Algo mais definido, é algo mais delimitado, é algo mais organizado"; "elemento mais centralizado"; "Maior atuação e intervenção do Estado"; "Espacialidades com maior atuação".	Não foi mencionado e/ou explicado
Paisagem	"aquilo que a gente consegue visualizar com mais intensidade"; "Diferenciação de paisagens por diferentes níveis de desenvolvimento"; "Elementos visíveis e invisíveis do espaço".	Não foi mencionado e/ou explicado
Região	Não foi mencionado e/ou explicado	"Quando eu trabalho região é quando eu ressalto mais essas categorias de relevo, de hidrografia, tudo isso".
Natureza	Não foi mencionado e/ou explicado	Não foi mencionado e/ou explicado
Sociedade	Não foi mencionado e/ou explicado	Não foi mencionado e/ou explicado

Fonte: Informações empíricas da pesquisa (2016). Elaboração: Rodrigo Capelle Suess (2016).

A PMR não apresentou pensamento claro a respeito dos conceitos básicos da Geografia. Inicialmente falou sobre analogia, hermenêutica e sobre a concepção crítica. Esse fato evidencia uma lacuna em sua formação, que pode ser comum aos demais professores brasileiros de Geografia (CAVALCANTI, 1998). Trata-se uma lacuna iniciada na graduação e que não foi corrigida ao longo do tempo, por meio de pós-graduação, formação continuada ou autobusca dessa docente.

Essa profissional não soube identificar os conceitos e solicitou que mencionasse alguns para lembrá-la. Ao serem citados os conceitos de lugar, região, paisagem, espaço, território, sociedade e natureza ela alegou trabalhar todas e que se identifica com a região quando vai trabalhar macrorregiões, regionalização, espaço mundial. "Quando eu trabalho região é quando eu ressalto mais essas categorias de relevo, de hidrografia, tudo isso" (PMR, 2016) (Quadro 2). Esse fato evidencia o desconhecimento e falta de sistematização lógica e teórica a respeito dos conceitos básicos da Geografia, por parte dessa professora, uma vez que sequer apresentou pensamento claro sobre os mesmos.

As principais referências da PMR para trabalhar os conceitos geográficos são estabelecidas pelos livros didáticos. Não se pode ignorar a importância desse material como principal fonte de informação de professores e alunos na educação brasileira, se reconhece, inclusive, o processo de mudança positiva na abordagem teórica dos mesmos a cada avaliação do Plano Nacional do Livro Didático, realizado periodicamente pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2017). Contudo, como fonte de informação e conhecimento para profissionais em Geografia são necessárias pesquisas em outras fontes, que não as didáticas, para conhecimento acerca das questões relativas à ciência geográfica. Desse modo, cabe ao professor lançar mão dos meios existentes para dispor desse material.

De modo geral, é evidente a falta de conhecimento dos professores de Geografia a respeito dos conceitos geográficos básicos, o que certamente implica em consequências diretas ao processo de ensino-aprendizagem. O prejuízo seria para o ensino pautado em qualquer horizonte da Geografia, e não só o humanista, tendo em vista que são por meio dos conceitos da área que o professor conseguiria construir o conhecimento geográfico e, ainda, imprimir as marcas de sua abordagem.

Assim, Considerando-se que as abordagens materialistas, humanistas e positivistas interferem, não apenas, nos conteúdos abordados em sala de aula, como também na postura do professor diante da turma e na maneira de conduzir o processo de ensino-aprendizagem, pode-se afirmar que uma formação adequada do professor deveria analisar todas as perspectivas filosóficas, no sentido de conhecer as possibilidades e limites de cada horizonte, para decorrente (re)construção didática de conteúdos geográficos na prática docente. Entretanto, é conhecido o fato de que o processo de formação de professores, em geral, e de professores de Geografia, em particular, ainda é deficiente (BRZEZINSKI, 1996; SAVIANI, 2009; PONTUSCHKA, 2013).

Geografia Humanista

Após abordar questões menos específicas como os horizontes da Geografia e sobre seus conceitos, a fim de identificar elementos de uma Geografia Humanista, resolvemos explorar pontualmente essa questão. Nesse aspecto, objetivou-se entender o que os professores conhecem, acham e atribuem a essa Geografia. Sendo assim, o quadro 3 sintetiza ideias a respeito do que seria a Geografia Humanista, a fenomenologia, qual relação poderia existir entre essa Geografia e a Geografia Cultural e a Geografia da Percepção, bem como as contribuições dessa Geografia para o ensino e os principais autores da mesma.

Quadro 3 - Síntese de ideias dos professores a respeito da Geografia Humanista

TEMA	PMU	PMR
Geografia Humanista	<ul style="list-style-type: none"> - "A humanista é mais focada na questão de ordenamento humano, ou seja, de que o ser humano ele pode sim conseguir dentro do processo espacial analisar o espaço a partir das características humanas, não físicas, mas humanas". - "A concepção humanista ela tende a concretizar as relações educativas e sociais a partir dos elementos concretos humanos". 	<ul style="list-style-type: none"> - Alega conhecer pouca coisa sobre a Geografia Humanista tendo em vista que não é a "corrente" que ela segue. Mostrou-se desconfortável ao tratar do tema. "Eu tenho medo de dar uma gafe e não ser isso". - "Pra mim a Geografia Humanista ela tá, eu não sei se é bem isso, mas pelo menos a minha visão é essa, que tá mais voltada, por exemplo, é movimentos populares". - "não tá necessariamente ligado a um contexto histórico igual a crítica, não faz muita analogia, mas ela estuda mais essa parte de cultura, do ser enquanto ser social, na minha visão ela é mais filosófica do que as demais. Por isso, talvez eu não tenha assim optado por essa corrente".

Fenomenologia	- Acredita que o tema foi negligenciado, possui poucas leituras a respeito e não sabe identificar se a fenomenologia é uma "corrente filosófica".	- Na sua graduação em Geografia nunca ouviu falar de fenomenologia, existencialismo e hermenêutica. - Não saber definir o que seria a fenomenologia.
Geografia Humanista e Geografia Cultural	- Menciona que conhece a Geografia Cultural por meio de Paul Claval. Acredita que a Cultural é mais atuante, recente, mais visível e mais trabalhada do que a Humanista. Não consegue definir uma relação clara entre elas.	- Vê que possui relação entre cultural e a humanista, mas vê algumas diferenças, alega que a Cultural é mais histórica do que filosófica e a humanista ao contrário.
Geografia Humanista e Geografia da Percepção	- Na graduação nunca ouviu falar de Geografia da Percepção, foi conhecer por meio de leituras de interesse próprio. O mesmo acredita que elas andam juntas, "eu acho que o humano e a percepção do espaço eles andam juntos".	- Pediu ajuda, pois fazia muito tempo que não estudava essa parte teórica. Acredita que Geografia da Percepção tenha relação com a Geografia Humanista, mas acredita que ela é muito mais crítica do que humanista.
Geografia humanista e ensino	- "Ela é um pouquinho esquecida também nesse trabalho que é feito nessas universidades, a formação. Por isso, também ela é esquecida na prática no ensino nas escolas também, nesse sentido". - Ela é viável em sala de aula desde que não seja tomada como exclusiva, "tem que mesclar teorias pra que você não fique somente naquilo que a sendo colocado. Nesse sentido acho que a humanista e a crítica colaboram pra formação desse processo aí".	- "Quando eu dou as minhas aulas eu quase não opto por essa corrente, por isso talvez o meu segmento seja da crítica".
Autores	- "Bom a corrente humanista né, que teve David Harvey o principal autor".	- Livros didáticos

Fonte: Informações empíricas da pesquisa (2016). Elaboração: Rodrigo Capelle Suess (2016).

Tanto a declarações do PMU quanto da PMR evidenciam a ausência de conhecimento a respeito da Geografia Humanista. O PMU relaciona essa Geografia com o ordenamento humano, o que não reflete necessariamente a essência desse horizonte; deixa pistas que essa Geografia analisaria, apenas, os aspectos humanos da Geografia, em detrimento dos aspectos físicos, que seriam excluídos. Embora os estudos humanistas em Geografia concentrem, em especial, nos aspectos humanos não há como dizer que eles eliminam de sua pesquisa os aspectos físicos do espaço. Uma Geografia que tem como foco o ser humano não pode excluir o meio físico que cerca, influencia e subsidia esse ser (BUTTIMER, 1982).

O PMU também apresenta pensamento confuso quando afirma que essa geografia "tende a concretizar as relações educativas e sociais, a partir dos elementos concretos humanos". Primeiramente, esse horizonte não visa estudar, apenas, as relações educativas e sociais, nem tampouco somente valorizar elementos concretos humanos. Nesse aspecto, o que é esse concreto? De qualquer modo, é conveniente destacar que a perspectiva humanista se diferencia das demais pela ênfase dada à subjetividade e intersubjetividade, e esses elementos não são concretos (BAILLY, 1990; ENTRILIN, 1991).

Inicialmente a PMR não soube caracterizar nenhum atributo a Geografia Humanista: se mostrou confusa e, provavelmente, nunca tinha estudado tal temática. Logo, relacionou esse horizonte com os movimentos populares. Embora a Geografia Humanista não os exclua de seus estudos, tendo em vista que é um fato que envolve seres humanos, uma espacialidade e uma

simbologia, não é algo que seja uma marca exclusiva dessa perspectiva, nem tampouco temática particular.

A PMR exclui o contexto histórico como uma atividade inerente à Geografia humanista, o que não pode ser considerado como algo verídico, tendo em vista que essa perspectiva não somente considera, como também, muitas vezes, parte do contexto histórico para realizar suas análises. Essa docente, em vários momentos da entrevista, citou a palavra analogia, contudo não ficou claro qual seria o sentido adotado por ela a respeito do termo. Em seu entendimento, essa geografia não faz muita analogia, contudo deve-se lembrar de que não existe nenhum pressuposto da Geografia Humanista que vá de encontro com essa questão.

Essa professora liga a Geografia Humanista aos estudos da cultura, do ser social, afirma ser mais filosófica do que as demais geografias e justifica a sua falta de conhecimento a respeito dessa perspectiva, por não apresentar nenhuma afinidade com esses temas. Pelo histórico de publicações e temas tratados por essa Geografia podemos demonstrar o forte interesse desse horizonte por estudos relacionados à cultura. Essa perspectiva valoriza os aspectos relacionados ao homem, por viver em sociedade. Assim, estudar o homem, enquanto ser social, lhe é algo valioso. Essa docente acerta quando afirma que essa Geografia valoriza a filosofia em seus estudos. Todavia, parece acertar mais por inferência, do que por conhecimentos científicos a respeito desse horizonte.

Pelo exposto pode-se supor que a fenomenologia, assim como outras filosofias dos significados - hermenêutica, existencialismo - foram negligenciadas no processo de formação desses professores. O que se mostra é um desconhecimento total a respeito dessa filosofia e dos demais fundamentos filosóficos de constituição da ciência geográfica, de seus princípios epistemológicos. Em consequência, mais uma vez, em relação às outras perspectivas a Geografia Humanista, por ter como principal orientação a fenomenologia (MARANDOLA JR., 2013), foi preterida no processo de formação daqueles professores.

Sabe-se que a Geografia Humanista e a Geografia Cultural nasceram em momentos distintos, contudo, embora haja caminhos particulares, principalmente relacionados a contexto, escala, abordagens e temas, existe um desenvolvimento em comum entre elas, o que levam autores na atualidade definir a junção das duas como uma demonstração do humanismo em Geografia (MARANDOLA JR., 2005), Horizonte Humanista em Geografia (GOMES, 2012) e/ou Abordagem Cultural em Geografia (CLAVAL, 2002).

A respeito das relações entre a Geografia Humanista, a Geografia Cultural e a Geografia da Percepção esses docentes parecem responder mais por intuição, do que embasados por um conhecimento sistematizado a respeito do tema. Sendo assim, o achismo predomina no teor de suas respostas. O PMU demonstra conhecer melhor a Geografia Cultural do que a Geografia Humanista, pelo acesso à obra de um importante geógrafo, Paul Claval. Esse professor crê que a Geografia Cultural seja mais atuante, recente, visível e mais explorada do que a Geografia Humanista. Tal concepção confirma a falta de informação a respeito da Geografia Humanista, o que leva intuitivamente esse professor a fazer julgamentos. A afirmação de que a “Geografia Cultural é mais atuante” sinaliza que o professor não vê, nem consegue enxergar atuação da Geografia Humanista na Geografia. Na mesma linha de raciocínio, se a Geografia Cultural é mais recente do que a Geografia Humanista, apresenta-se a evidencia de que o professor, além de não enxergar atuação da perspectiva humanista em Geografia, a considera como algo ultrapassado. Se ela é mais visível e mais trabalhada, é, então, uma evidência que confere mais status e importância para a Geografia Cultural.

Para a PMR a Geografia Cultural seria mais histórica do que filosófica e a Geografia Humanista mais filosófica do que histórica. Tal afirmação, entretanto, não dispõe de devido embasamento científico. Enquanto o PMU não consegue identificar relações claras que ligue essas geografias, a PMR pensa haver uma relação, embora não consiga identificar qual seria. E ambos tergiversam. As declarações dos docentes a respeito da Geografia da Percepção nos

permitem dizer, mais uma vez, o fracasso da formação a respeito de temas ligados à epistemologia da ciência geográfica. O PMU alega ter conhecido essa Geografia, após a sua formação inicial, por interesse próprio. A PMR também demonstra não conhecer teoricamente a Geografia da Percepção, fato que é justificado pelo tempo que não tem contato com a parte teórica da Geografia. Esse aspecto demonstra um equívoco, comum aos professores já formados, que é desconsiderar a parte teórica que embasa suas disciplinas. Tal situação implica na perda de qualidade do processo de ensino-aprendizagem, pois inexistente uma boa prática que não esteja alicerçada numa boa base teórica (ARROYO, 2013).

Ainda a respeito do tema o PMU acredita que Geografia Humanista e Geografia da percepção andam em conjunto, pois defende que o humano e a percepção do espaço estão intimamente ligados. A PMR também infere uma relação entre essas geografias, todavia considera a Geografia da Percepção mais próxima de uma perspectiva crítica do que humanista, o que não é verdade, tendo em vista que a Abordagem Perceptiva em Geografia é uma vertente trabalhada pela Geografia Humanista.

Existe uma grande confusão quando vamos falar de Geografia Humanista e Geografia da Percepção, muitas vezes vistas como derivada uma da outra ou como a mesma coisa. Conforme explicou Mello (1990), muitos profissionais e estudantes brasileiros não sabem distinguir esses campos. A Geografia da Percepção ou do Comportamento no positivismo objetiva descobrir os comportamentos previsíveis, com possibilidade de controle por meio do planejamento, e outras atividades baseadas no estímulo-resposta. (MELLO, 1990; HOLZER, 1993). Nesse contexto, os caminhos adotados pelos geógrafos humanistas, que estudam a percepção do meio ambiente são bem diferentes daqueles da Geografia da Percepção, uma vez que procura valorizar o sujeito e aspectos ligados a subjetividade humana. Lívia de Oliveira, faz questão de lembrar que nunca fez ou faz uma "Geografia da Percepção ou do Comportamento", mas sim que trabalha com o foco em "Percepção do Meio Ambiente" ou uma "Abordagem Perceptiva em Geografia". (MARANDOLA JR. e GRATÃO, 2003, p. 9).

Foi solicitado que os professores comentassem a relação entre a Geografia Humanista e seu ensino. O PMU reconhece que a Geografia Humanista não foi suficientemente abordada em sua formação, a ponto de lhe permitir aplicá-la em sala de aula, fato esse que interfere diretamente na prática de ensino que se efetiva nas escolas. Em consequência, por falta de conhecimento, sequer percebe que poderia dispor de possibilidades de aprendizagem pautadas na Geografia Humanista.

Entretanto, esse docente a considera como viável em sala de aula, desde que não seja a única abordagem adotada. Embora não demonstre como seria essa possibilidade. Para ele a Geografia Crítica e a Geografia Humanista são caminhos viáveis e úteis ao processo de ensino-aprendizagem em Geografia, mesmo que não saiba como defini-las adequadamente. A PMR não deu declarações a respeito do tema: afirmou que, em suas aulas, a Geografia Humanista não aparece, pois não é uma corrente que segue. A despeito dessa posição, pautada num entendimento equivocado sobre o que é a Geografia Humanista, pode-se constatar por meio de suas respostas, que essa professora dispõe de uma atitude humanista em sua atuação em sala de aula, por exemplo, por meio de sua relação com os alunos. Assim, por falta de conhecimentos teóricos a respeito do tema, a professora não consegue estabelecer uma relação.

Em relação à menção dos geógrafos considerados humanistas os professores entrevistados revelam incoerências. O PMU citou David Harvey, importante geógrafo do Horizonte Crítico, como um dos expoentes da Geografia Humanista. A PMR, por sua vez, mencionou apenas autores de livros didáticos, sem considerar quaisquer outros. Desse modo, pode-se afirmar, que as respostas dadas demonstram, mais uma vez, desconhecimento a respeito do tema.

Pelo exposto pelos professores, pode-se inferir, que não apresentam conhecimentos sistematizados a respeito da Geografia Humanista. Esse fato evidencia uma lacuna na formação

desses professores, seja na graduação ou após conclusão do curso, por meio de aperfeiçoamento, pós-graduação e formação continuada. Entretanto, tal situação evidencia, também, a falta de interesse desses professores em relação à epistemologia em Geografia. Em consequência, perdem a oportunidade de identificar e realizar aproximações da Geografia Humanista com o processo de ensino-aprendizagem.

Para não concluir...

Esse processo envolveu professores e alunos de duas escolas municipais de Formosa-GO. Em sua maioria sujeitos oriundos de condições sociais humildes. Os docentes não desejavam seguir essa profissão, mas em virtude de condições socioeconômicas e pelas possibilidades disponíveis no município chegaram a licenciatura. Por sorte se identificaram com a profissão e hoje reconhecem a ascensão social promovida pela mesma. Os discentes, todos jovens em formação, são compostos, especialmente, por alunos que residem na periferia e em bairros de classe média da cidade, inclusive a maioria do campo. Portanto, antes de realizar apontamentos finais sobre o processo de pesquisa coube conhecermos quem são esses sujeitos.

Deve-se reafirmar que esse trabalho não possui intenções nomotéticas, isto é, não possui como finalidade classificar ou generalizar, até mesmo porque optamos por uma pesquisa em profundidade. Desse modo, o que temos são evidências, que nos permitem realizar leituras de determinado contexto. Nota-se que a Geografia Humanista é dificilmente lembrada como um horizonte em Geografia; quando citada, os docentes não conseguem lhe conferir uma caracterização adequada. É verdade que esses profissionais também não conseguem explicar análises totalmente correta acerca de outros horizontes.

Os resultados obtidos apontaram que a Geografia Crítica é supervalorizada em relação à Geografia Positivista e a Geografia Humanista, ou melhor, parece se constituir em um superhorizonte em Geografia. Essa questão evidencia a atenção relativa à logomarca "Geografia Crítica", em suas formações em Geografia. Usamos tal denominação (logomarca), porque possuímos evidências que nos levam a acreditar, que a imagem que se tem acerca dessa geografia chega e ecoa antes mesmo de seu conteúdo. Consequentemente, levam as pessoas a se autodenominarem "críticos", mas ao mesmo tempo não têm apropriação teórica sobre o tema. O domínio, quase hegemônico, que essa perspectiva atingiu no Brasil, nos últimos anos, é propício para esse tipo de situação. Dessa forma, os cursos de Geografia brasileiros, em sua grande maioria, parecem estar dominados por um ambiente simbólico, em que não rezar a cartilha do marxismo é um grande crime. Assim, ao se perguntar para os professores que orientação seguem ou se identificam, a resposta unânime é "sou crítico", que soa quase que espontaneamente. O mais grave, porém, é que muitos deles, inclusive, os que participaram desta pesquisa, confundem esse horizonte ou o reduzem ao ato de ser crítico, de indagar e questionar as coisas. Essa é uma evidência que deve considerada com seriedade nos cursos de formação em Geografia, que pouca ou nenhuma atenção dispensam à correta abordagem de todos os horizontes, em especial o Humanista. As questões epistemológicas, as relativas à teoria e método em Geografia, parecem estar sendo abordadas superficialmente.

Outro aspecto que fortalece essa evidência é o desconhecimento dos professores participantes, a respeito dos conceitos básicos da Geografia que, sequer, foram mencionados por um dos docentes. Nesse sentido, percebeu-se que não conseguiram identificar qual seria o conceito chave da Geografia, o espaço geográfico, nem tampouco explicá-lo, e muito menos o lugar, conceito apreciado pela Geografia Humanista.

Ao serem questionados sobre o que seria a Geografia Humanista e temas ligados a ela, as declarações dadas denotaram respostas por intuição, interpretação do termo e "achismo", em vez de alguma formulação teórica adequada. Constatou-se, então, que os professores não dispõem de conhecimentos sistematizados pertinentes à Geografia Humanista, e muito menos

sabem responder corretamente qual seria relação dessa com a Geografia da Percepção e Geografia Cultural. Sobre a fenomenologia, não opinaram, pois, sequer, identificam o contexto onde esse "termo" se encaixa na Geografia, pois em sua formação e trajetória profissional não tiveram nenhum contato com essa perspectiva filosófica.

As contribuições desse horizonte para o processo de ensino-aprendizagem não foram devidamente reconhecidas. Um dos professores até acredita que tenha sua contribuição, mas não sabe precisar qual seria. Então, se não possuem conhecimentos sistematizados a respeito da Geografia Humanista, é pouco provável que consigam fazer essa relação, mesmo que em suas práticas manifestem atitudes humanistas.

Considerando-se que as abordagens materialistas, humanistas e positivistas interferem, não apenas, nos conteúdos abordados em sala de aula, como também na postura do professor diante da turma e na maneira de conduzir o processo de ensino-aprendizagem, pode-se afirmar que uma formação adequada do professor deveria analisar todas as perspectivas filosóficas, no sentido de conhecer as possibilidades e limites de cada horizonte, para decorrente (re)construção didática de conteúdos geográficos na prática docente.

Deve-se considerar, porém, que algumas dessas questões estão ancoradas na formação deficitária desses professores. Como visto, sua formação negligenciou aspectos importantes do núcleo da licenciatura e, em termos específicos, aspectos ligados a epistemologia, teoria e método em Geografia. Há de se considerar, também, que o estado não oferece condições para que essas deficiências sejam corrigidas, por meio de processos de formação continuada. Apesar de se tratar de grave problema estrutural, falta uma contrapartida do professor, pois é seu papel reconhecer que existem lacunas de conhecimento em sua formação, identificá-las e providenciar a solução do problema. É o professor que deve buscar. Não se trata de culpá-lo ou o condená-lo pelo fracasso escolar, pela não aprendizagem, pela má formação; não queremos culpar o professor, pois sabemos que ele é fruto de um processo maior que engloba e reflete todo sistema educacional. Mas não podemos mais, desconsiderar que existem alternativas e que, muitas vezes, os professores se acomodam.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Antônia Vitória Soares; SOUZA, João Valdir Alves. As licenciaturas na atualidade: nova crise? **Educar em Revista**, n. 50, p. 69-86, out./dez. 2013.

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAILLY, Antoine. L'humanisme em géographie réflexions et principes. In: BAILLY, Antoine; SCARIATI, Renato. **L'humanisme en Géographie**. Paris: Anthropos, p. 9-11, 1990.

BAILLY, Antoine; SCARIATI, Renato. L'humanisme en géographie. In: BAILLY, Antoine. **Les concepts de la géographie humanine**. Paris: Armand Colin, p. 213-222, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação básica. **Guia de livros didáticos PNLD 2017: Geografia - anos finais do ensino fundamental**. Brasília: MEC, 2017.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 165-193, 1982.

BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas-SP: Papirus, 1998.

_____. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CLAVAL, Paul. Campos e perspectivas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 134-196, 2002.

ENTRIKIN, Jhon Nicholas. **The Betweenness of Place: Towards a Geography of Modernity**. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins University Press, 1991.

FEITOSA, Raphael Alves; BODIÃO, Idevaldo da Silva. As teorias sobre o "professor reflexivo" e suas possibilidades para a formação docente na área de Ciências da Natureza. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 185-199, jan./jun. 2015.

GÁUDIO, Rogata Soares del; BRAGA, Rosalina Batista. A Geografia, a educação e a construção da ideologia nacional. **Terra Livre**, Presidente Prudente, Ano 23, v. 1, n. 28, p. 177-196, jan./jun. 2007.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GREGORY, Derek (Org.). **The Dictionary of Human Geography**. Oxford: Blackwell Publishers, 2009.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista Anglo-Saxônica - de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 109-146, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia**, Londrina, v. 12, n. 2, jul./dez. 2003.

_____. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, Niterói, RJ, v. 3, n. 2, p. 49-69, Inverno 2013.

MELLO, J. B. F. A Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE. Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-114, 1990.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores:** unidade teoria e prática. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Políticas Públicas na trajetória do ensino e da formação dos professores: a construção de conhecimentos. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa (Orgs.). **Formação, pesquisas e práticas docentes:** reformas curriculares em questão. João Pessoa: Ed Mídia, p. 433-453, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

SOUZA, Francilane Eulália.; FERNANDES, Bernardo Mançano. O papel da geografia escolar para o fortalecimento do campesinato no município da Cidade de Goiás. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 12., 2009, Montevideu, Uruguai. **Anais...** Montevideu: EGAL, 2009.

TUAN, Yi-Fu. Geography, Phenomenology and Study of Human Nature. **The Canadian Geographer**, v. 15, n. 3, p. 181-192, 1971.

_____. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. de Livia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013.

THE TEACHING-LEARNING PROCESS IN THE LIGHT OF THE PRECEDITS OF HUMANIST GEOGRAPHY - TEACHERS 'KNOWLEDGE: A STUDY IN FORMOSA-GO

Abstract

The school geographic knowledge differs from scientific geographical knowledge for production conditions, organization and purpose, therefore, it has its own way. Both on systematization of content, skills and competences, as in the teaching and learning contents, various horizons of geographical thought influence the teaching of Geography in schools. One of them, Humanistic geography, shed was due mostly to the Phenomenology, stands out for the emphasis given to human senses humans and your universe lived, what can contribute to the connection of knowledge geographical the genesis of a humanist attitude. In this context, the general objective of this research is to know and analyze the teachers' knowledge about the Humanist Geography, in the municipality of Formosa-GO. For this, we have selected a teacher of the urban area and a teacher from the rural area. The problem that guided this investigation concerns the identification of teachers' knowledge about the Geography Humanist. The methodology used was qualitative basis, from unstructured guided interviews conducted with teachers of geography. The results obtained revealed that these professionals have a gap regarding the theorizing about the Humanistic Geography as a result of an initial and ongoing deficit's education and lack of interest. These and other results suggest the need for a degree in Geography, which consider and highlight the Humanistic Geography, including its potential on the teaching/learning issues, methodological basis for the meaning of the contents on geography, on one side, and construction of geographic knowledge, on the other.

Key-words: School Geography, Humanist Geography, Teaching-learning, Teacher Qualification.

EL PROCESO DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE A LA LUZ DE LOS PRECEPTOS DE LA GEOGRAFÍA HUMANISTA – SABERES DE LOS PROFESORES: UN ESTUDIO EN FORMOSA-GO

Resumen

El conocimiento geográfico escolar difiere del conocimiento geográfico científico por las condiciones de producción y el propósito, por lo tanto, tiene su propio camino. Tanto la sistematización de contenidos, habilidades y competencias, como en el modo de enseñar y aprender sus contenidos, diversos horizontes del pensamiento geográfico influyen la enseñanza de la Geografía Escolar. Una de ellas, la Geografía Humanista, horizonte que deriva principalmente de la Fenomenología, se destaca por su énfasis en los sentidos del ser humano y su universo vivió, lo que puede contribuir al campo del conocimiento geográfico de la génesis de una actitud humanista. En este contexto, el objetivo general de esta investigación es conocer y analizar cuáles son los conocimientos de los profesores acerca de la Geografía Humanista en el municipio de Formosa, que se ubica en el estado de Goiás, Brasil. Para ello, fueron seleccionados un profesor del área urbana y una profesora del área rural de dicho municipio. La problemática que orientó esta investigación se refiere a la identificación de los conocimientos que los profesores tienen acerca de la Geografía Humanista. A metodología utilizada foi de base qualitativa, a partir de entrevistas não estruturadas guiadas realizadas com os professores de Geografia. La metodología utilizada fue de base cualitativa, a partir de entrevistas no estructuradas guiadas realizadas con los profesores de Geografía. Los resultados obtenidos revelaron que estos profesionales presentan una brecha en lo que se refiere a la teorización sobre la Geografía Humanista, derivada de una formación académica inicial y continuada insuficientes y también por la ausencia de interés. Estos y otros resultados evidencian la necesidad de una formación en Geografía, que considere y valore la Geografía Humanista, principalmente por su potencial relativo a las cuestiones de enseñanza y aprendizaje como fundamento metodológico para la significación de los contenidos en Geografía, por un lado, y la construcción del conocimiento geográfico, de otro.

Palabras clave: Geografía Escolar, Geografía Humanista, Enseñanza-aprendizaje, Formación de profesores.